



## **PROJECTO EDUCATIVO DE ESCOLA**

**Setembro 2009**

## ÍNDICE GERAL:

<b>Índice Geral</b>	1
<b>Índice de Figuras</b>	3
<b>1. Introdução</b>	4
<b>2. Caracterização da Instituição</b>	5
2.1. Organigrama Funcional	5
2.2. História da Instituição	5
2.3. Finalidades Educativas e Objectivos Gerais da Instituição	6
2.4. Objectivos Gerais da Educação Pré-Escolar	6
2.5. Caracterização da População Escolar	7
2.5.1. Corpo Discente	7
2.5.2. Corpo Docente	8
2.5.3. Corpo Não Docente	9
2.6. Instalações	10
2.6.1. Espaços	10
2.6.2. Material do Jardim de Infância	13
2.7. Horários	16
2.7.1. Horário da Instituição	16
2.7.2. Rotina diária de cada grupo de crianças	17
<b>3. Caracterização do Meio</b>	18
3.1. Aveiro e a sua História	18
3.2. A Ria de Aveiro	21
3.3. As Praias	22
3.4. O Clima	23

<b>3.5. A Gastronomia</b>	23
<b>3.6. Percursos</b>	24
<b>3.7. Tradições</b>	25
<b>3.8. Património</b>	26
<b>3.9. A Freguesia de Aradas e o Lugar de Verdemilho</b>	29
<b>4. Caracterização das Famílias</b>	34
<b>5. Conclusão</b>	35
<b>6. Bibliografia</b>	37

## ÍNDICE DE FIGURAS

**Figura 1:** Santa Joana Princesa

**Figura 2:** Ria de Aveiro

**Figura 3:** Moliceiro de Aveiro

**Figura 4:** Casas da Costa Nova

**Figura 5:** Ovos-moles de Aveiro

**Figura 6:** Bicicletas BUGA

**Figura 7:** Região de Aveiro

**Figura 8:** Sé de Aveiro

**Figura 9:** Museu de Aveiro

**Figura 10:** Igreja da Misericórdia de Aveiro

**Figura 11:** Igreja do Carmo – Aveiro

**Figura 12:** Igreja das Carmelitas – Aveiro

**Figura 13:** Dr. António Tavares Lebre – Capitão Lebre

## 1. INTRODUÇÃO:

O Jardim de Infância é um lugar de aprendizagem e convivência social que deve oferecer, a quem a ela acede, não apenas um espaço físico e organizacional, mas também, e sobretudo, um espaço relacional, de convivência, cooperação e resolução de conflitos.

Consideramos ser, portanto, urgente um Jardim-de-infância actual e actuante onde a organização e gestão da comunidade escolar tem papel fulcral na criação de condições de aprendizagens significativas para as crianças.

É no Projecto Educativo que podemos encontrar a orientação que nos permitirá construir o caminho para atingir de forma consciente as metas a que nos propomos... E é desta forma que a rota é traçada, com destino ao sucesso individual de cada criança, tendo sempre presentes as atitudes e os valores que nos tornam seres sociais, com espírito crítico, respeitando o espaço de cada um, tendo sempre muito presente a entidade família.

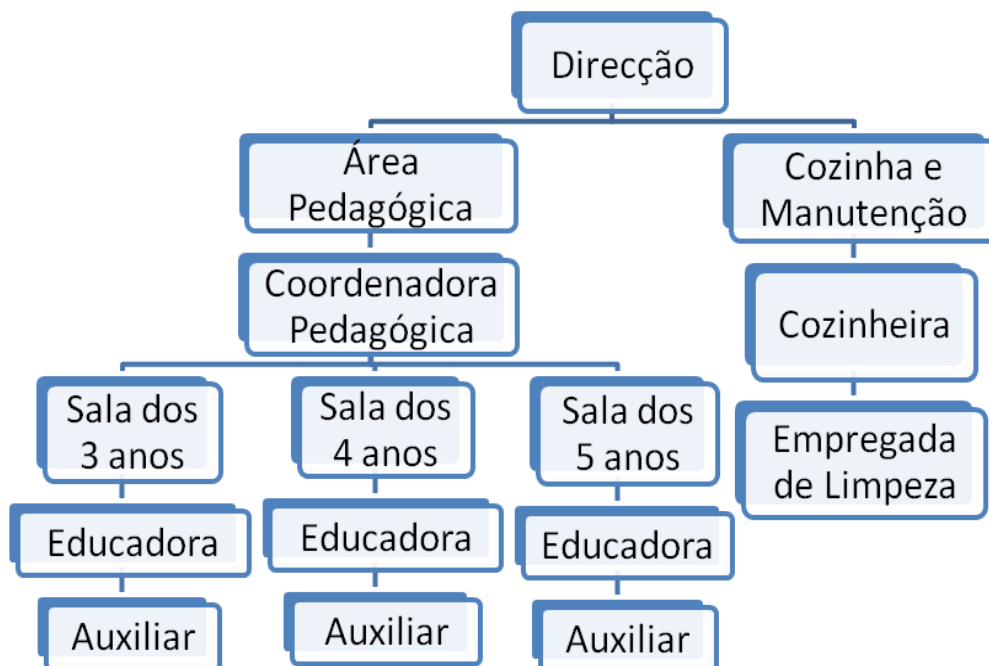
O Projecto Educativo é um «documento que consagra a orientação educativa da escola (...) no qual se explicitam os princípios, os valores, as metas e as estratégias segundo as quais a escola se propõe cumprir a sua função educativa» (artigo 3º do Decreto-Lei n.º 115-A/98).

Segundo Jean Marie Barbier (in Projecto Educativo; 1999) “*O projecto não é uma simples representação do futuro, mas um futuro para fazer, um futuro a construir, uma ideia a transformar em acto*”.

Pretendemos, assim, com a elaboração deste Projecto, saber por e para onde se caminha delineando caminhos na busca da melhoria da qualidade educativa, obedecendo simultaneamente à lógica do desejo e da acção sensibilizando toda a comunidade educativa para uma compreensão e participação mais consciente na Sociedade, questionando comportamentos, atitudes e valores, tendo como finalidade o favorecimento das nossas crianças.

## 2. CARACTERIZAÇÃO DA INSTITUIÇÃO:

### 2.1. ORGANIGRAMA FUNCIONAL:



### 2.2. HISTÓRIA DA INSTITUIÇÃO:

A Escolinha da Travessa do Capitão Lebre, nasceu da vontade de criar em Verdemilho um espaço diferente, novo, seguro e acolhedor para que as nossas crianças crescessem de forma saudável e alegre, junto da natureza, sem esquecer a proximidade com os pais numa época em que o tempo parece pouco.

Na construção da Urbanização Capitão Lebre não foi esquecida a necessidade de um espaço de lazer onde as famílias pudessem, ao final do dia, passear e brincar descontraidamente. Foi por isso criado um amplo espaço verde, com parque infantil e circuito de manutenção. Foi na construção desse espaço que surgiu a ideia de construir de raiz um Jardim de Infância. Assim, as nossas crianças poderiam também usufruir desse espaço, ao mesmo tempo que cresciam de forma alegre e tornavam-se a pouco e pouco os cidadãos de amanhã. Assim nasceu a Escolinha da Travessa do Capitão Lebre.

## Porquê o nome?

Bem, o nome surgiu naturalmente pela localização da Escolinha, ou seja, na Travessa do Capitão Lebre, situado na Urbanização com o mesmo nome.

Os criadores deste projecto não tiveram dúvidas em relação ao nome – *Escolinha da Travessa do Capitão Lebre* – era a denominação óbvia ao projecto em causa....

## 2.3. FINALIDADES EDUCATIVAS E OBJECTIVOS GERAIS DA INSTITUIÇÃO:

São finalidades educativas e objectivos gerais desta instituição:

- Apoiar as famílias na tarefa da educação dos filhos, inserindo a escola na comunidade envolvente;
- Proporcionar a cada criança a oportunidade de desenvolver a sua autonomia, socialização e desenvolvimento em diferentes níveis: cognitivo, afectivo, moral e físico (sensorial e motor);
- Promover a sua integração equilibrada na vida em sociedade, ajudando-a a crescer de forma solidária;
- Preparar a criança para uma escolaridade bem sucedida, fornecendo-lhe os instrumentos necessários a aprendizagens futuras.

No Jardim de Infância é dever do Educador criar condições materiais e humanas, que permitam que as crianças manifestem os seus interesses, sentimentos, trocando experiências e saberes. O Educador deverá criar um clima de liberdade e afectividade deixando as crianças serem autónomas, críticas, decisivas, criativas e espontâneas.

## 2.4. OBJECTIVOS GERAIS DA EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR (ARTº. 10º. DA LEI QUADRO DE EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR – LEI Nº5/97 DE 10 DE FEVEREIRO):

- Promover o desenvolvimento pessoal e social da criança com base em experiências de vida democrática numa perspectiva de educação para a cidadania;
- Fomentar a inserção da criança em grupos sociais diversos, no respeito pela pluralidade das culturas, favorecendo uma progressiva consciência como membro da sociedade;

- Contribuir para a igualdade de oportunidades no acesso à escola e para o sucesso da aprendizagem;
- Estimular o desenvolvimento global da criança no respeito pelas suas características individuais, inculcando comportamentos que favoreçam aprendizagens significativas e diferenciadas;
- Desenvolver a expressão e a comunicação através de linguagens múltiplas como meio de relação, de informação, de sensibilidade estética e de compreensão do mundo;
- Despertar a curiosidade e o pensamento crítico;
- Proporcionar à criança ocasiões de bem-estar e de segurança, nomeadamente no âmbito da saúde individual e colectiva;
- Proceder à despistagem de inaptações, deficiências ou precocidades e promover a melhor orientação e encaminhamento da criança;
- Incentivar a participação das famílias no processo educativo e estabelecer relações de efectiva colaboração com a comunidade.

## 2.5. CARACTERIZAÇÃO DA POPULAÇÃO ESCOLAR:

### 2.5.1 *Corpo Discente:*

Na instituição existem 75 crianças, com idades compreendidas entre os 2 e os 6 anos de idade. Estas crianças estão distribuídas por 3 salas, tendo cada uma delas 25 crianças consoante faixa etária.

Características de cada um dos grupos: (nº de crianças, idade, sexo)

Sala dos 3 anos:

(em actualizações)

Sala dos 4 anos:

(em actualizações)

Sala dos 5 anos:

(em actualizações)



2.5.2. *Corpo Docente:*

<b>Nome</b>	<b>Actividade Profissional</b>	<b>Idade</b>	<b>Habilitações Literárias</b>	<b>Sala</b>	<b>Anos de Serviço</b>
Dora Jorge	Coordenadora Pedagógica e Educadora de Infância	29	Licenciatura em Educação de Infância	Mista	4

<b>Actividade Profissional:</b>	<b>Funções:</b>
<i>Coordenadora Pedagógica</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Executar e coordenar a aplicação do projecto educativo em toda a instituição;</li> <li>- Planear, organizar, supervisionar e monitorizar a acção pedagógica da instituição;</li> <li>- Coordenar a actividade educativa, garantindo o trabalho pedagógico na sala tendo como base uma programação pensada para o grupo de acordo com as orientações curriculares;</li> <li>- Acompanhar o desenvolvimento dos conteúdos e projectos planeados pela equipa docente sugerindo alternativas de actividades sempre que necessário, favorecendo o progresso e o bem-estar das crianças;</li> <li>- Orientar as reuniões e toda a actividade de pessoal docente e não docente;</li> <li>- Organizar, de acordo com as normas da instituição, a distribuição de serviço e horários a docentes e não docentes;</li> <li>- Fazer a ligação entre crianças, famílias, pessoal docente e não docente e direcção;</li> <li>- Estabelecer o horário da instituição de acordo com as necessidades das famílias, salvaguardando o bem-estar das</li> </ul>

	crianças e tendo em conta as normas da instituição; - Realizar as inscrições anuais das crianças.
<i>Educadora de Infância</i>	- Organizar o ambiente educativo e aplicar meios educativos adequados a cada criança;  - Mobilizar o conhecimento e as competências necessárias ao desenvolvimento de um currículo integrado, no âmbito da formação pessoal e social, expressão e comunicação e conhecimento do mundo, planeando todo o processo educativo;  - Acompanhar a evolução da criança e estabelecer contacto com os pais no sentido de se obter uma acção educativa integrada.

### 2.5.3. Corpo não Docente:

<b>Nome</b>	<b>Actividade Profissional</b>	<b>Idade</b>	<b>Habilitações Literárias</b>	<b>Sala</b>	<b>Anos de Serviço</b>
Anabela Castelo Branco	Directora	35	Licenciatura em Direito	Direcção	

<b>Actividade Profissional:</b>	<b>Funções:</b>
<i>Directora</i>	- Zelar pelo cumprimento das regras de segurança no trabalho;  - Requisitar e comprar os produtos indispensáveis ao normal funcionamento dos serviços;  - Verificar a necessidade de aquisição, reparação ou substituição de bens e equipamentos;  - Receber o pagamento das mensalidades;

	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Efectuar o pagamento dos salários;</li> <li>- Efectuar o pagamento aos fornecedores;</li> <li>- Preparar os fundos destinados a serem depositados;</li> <li>- Examinar o correio;</li> </ul>
<i>Auxiliar de Acção Educativa</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Participar nas actividades pedagógicas realizadas pela educadora;</li> <li>- Dinamizar em momentos de recreio actividades socioeducativas;</li> <li>- Auxiliar nas tarefas de alimentação, cuidados de higiene e conforto directamente relacionadas com a criança;</li> <li>- Vigiar as crianças durante o repouso, momentos de recreio e sala de actividades;</li> </ul>
<i>Empregada de Limpeza</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Procede à limpeza e à arrumação das instalações;</li> </ul>
<i>Cozinheira</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Preparar, temperar e cozinhar os alimentos destinados às refeições;</li> <li>- Receber todos os produtos necessários à confecção das ementas, sendo responsável pela sua conservação;</li> <li>- Executar e zelar pela limpeza da cozinha e dos utensílios.</li> </ul>

## 2.6. INSTALAÇÕES:

### 2.6.1. Espaços:

O espaço físico não se limita à sala partilhada pelo grupo, mas ao alargado, que é toda a Instituição.

Desta forma, não será despropositado que se proceda a uma análise cuidadosa de todas as áreas intimamente relacionadas com as crianças, descrevendo espaços e seus materiais.

Só conhecendo bem a Instituição é que nós, educadoras, podemos elaborar actividades e explorar as propostas das crianças, de outro modo não conseguiríamos ajustar as mesmas ao espaço de que dispomos.

NOTA: Em anexo encontra-se a planta e respectiva legenda da Escolinha.

*Espaços Interiores:*

No que se refere a espaços interiores, a Instituição é constituída por:

- Secretaria;
- Hall de Entrada;
- Gabinete da Direcção;
- Sala dos 3 anos;
- Sala dos 4 anos;
- Sala dos 5 anos;
- Sala Polivalente;
- Zona de Refeições e Polivalente;
- Cozinha;
- Instalações Sanitárias Infantis;
- Instalações Sanitárias para Deficientes;
- Instalações Sanitárias do Pessoal;
- Despensa;
- Arrumos.

### *Espaços Exteriores:*

A Instituição possui recreio exterior com caixa de areia, jardim, uma pequena horta e pavimento revestido a piso conforto In-Situ constituído por uma camada final de EPDM castanho bordaux de 10 mm e de uma camada de SBR inferior de cor preta.

Possui também compartimento para Resíduos Sólidos Urbanos (RSU).

### *Revestimentos:*

Os revestimentos da instituição são os seguintes:

As paredes estão revestidas de pintura lavável com excepção do WC e da Cozinha que estão revestidas a azulejo.

As paredes têm um lambrim com 1,20 metros de altura de contraplacado marítimo forrado a formica amarela. As salas de actividade possuem também um lambrim forrado a corticite.

Os cantos e as esquinas de todas as divisões da Instituição foram arredondados por questões de segurança.

Os tectos das três salas, do polivalente e do refeitório são feitos em acústico delta. A cozinha e os WCs têm tecto de pladur hidrofugado.

O chão do interior da Instituição, com excepção das instalações sanitárias e cozinha que são revestidas a azulejo, é revestido a linóleo.

A cozinha está equipada com equipamentos de Inox.

### *Iluminação:*

Todas as salas têm luz natural, possuindo janelas amplas. Existe também iluminação artificial em todas as divisões da Instituição.

### *Aspiração Central:*

Todas as divisões da escolinha possuem aspiração central.

### *Sistema térmico para aquecimento de águas:*

A Instituição possui sistema energético de aproveitamento de energia solar para aquecimento de águas e ar condicionado com bomba de ar quente e frio.

### *Caracterização das valências:*

Todas as salas da *Escolinha do Capitão Lebre*, estão equipadas e organizadas com material devidamente legalizado e adequado às diferentes faixas etárias. Assim, esta Instituição oferece às crianças qualidade, resistência, diversidade, segurança e higiene em todo o material que coloca ao seu dispor. As crianças podem também usufruir de uma enorme diversidade de materiais de expressão plástica, onde podem criar e imaginar tudo aquilo que desejarem pintando, colando, recortando, desenhando...

Esta instituição, preocupou-se em organizar e estruturar todo o material existente em cada sala, tendo pensado e reflectido os objectivos e conteúdos educativos a atingir com as crianças.

### *2.6.2. Material do Jardim de Infância:*

#### *Mobiliário:*

- Cadeiras;
- Mesas;
- Armário de arrumação fixo;
- Estante Dupla (Expositor de livros e arrumação de jogos);
- Estante;
- Cavalete de pintura;
- Sofá;
- Pufe;
- Banca;

- Tapetes vários;
- Mobiliário de apoio a projectos.

*Material Didáctico:*

- Jogos de manipulação e coordenação (Jogo de Parafusos, Jogo Magnético dos Disfarces);
- Jogos de construção (Legos gigantes, Construção de Madeira, Kim Buni, Construções Tubulares, Puzzles Magnéticos);
- Puzzles (“A Natureza”, “O Rapaz” e “A Rapariga”);
- Dominós (“Animais da Quinta);
- Lotos;
- Material de classificação e triagem (Blocos Lógicos, Tapete e cubos de diferentes cores);
- Livros Infantis;
- Revistas;
- Ficheiros de Imagens;
- Fantoques;
- Jogos Simbólicos (mobiliário e equipamento do canto da cozinha e do quarto):
  - Canto da Cozinha (Frigorífico, banca, fogão e forno, móvel despenseiro de canto):
    - Fruta;
    - Pães;
    - Ovos;
    - Legumes;
    - Carnes;

- Peixes;
- Utensílios Diversos;
- Toalha, panos, avental, pega.
- Canto do Quarto (Cama, Armário, Aparador com Cadeira):
  - Boneco e boneca;
  - Roupas;
  - Lençóis;
  - Banheira com acessórios.

*Material de Apoio:*

- Caixa de Primeiros Socorros;
- Leitor de Cds.

*Material de Consumo:*

- Tintas;
- Cola;
- Papeis de diferentes tamanhos e texturas;
- Diferentes tipos de massa de modelar (pasta de modelagem, pasta de farinha, ...);
- Moldes de silicone;
- Pincéis;
- Batas de pintura;
- Copos para tintas;



- Carimbos diversos;
- Tecidos;
- Lápis de cor, lápis de cera, canetas de feltro;
- Tesouras;
- Stencil.

*Material de Exterior:*

- Escorrega;
- Jogo da Macaca;
- Triciclos;
- Rolos de modelagem de areia, baldes, pás e peneiras.

## 2.7. HORÁRIOS:

### *2.7.1. Horário da Instituição:*

A *Escolinha do Capitão Lebre* está aberta das 7h30 até às 19h30, sendo que das 18h30 às 19h30 funciona em regime de prolongamento tendo que ser pago um valor adicional à mensalidade. Esta Instituição funciona todos os dias úteis com excepção dos previstos no regulamento e calendário escolar.

Durante o mês de Agosto a *Escolinha* encontra-se encerrada para férias de pessoal e preparação do ano lectivo.

2.7.2. Rotina Diária do Grupo de Crianças:

**Horário:**

7:30 – Recepção na sala polivalente

9:30 – Acolhimento

10:00 – Actividade Orientada

10:30 – Higiene/Lanche/Recreio

11:00 – Actividades Livres

11:45 – Actividade Orientada

12:15 – Higiene/Almoço

13:00 – Higiene

13:30 – Recreio/Descanso

14:30 – Relaxamento/Hora do Conto

14:45 – Actividades Livres/ Actividade Semi-Orientada

15:30 – Actividade Orientada

16:00 – Lanche

16:30 – Higiene

16:45 – Actividades Livres

17:15 – Recreio

18:00 – Actividade Semi-Orientada/Orientada

Sala Polivalente

18:30/19:30 – Actividades Livres

Sala Polivalente

### 3. CARACTERIZAÇÃO DO MEIO:

*“Ninguém aqui vem que não fique seduzido, e noutra país esta região seria um lugar de vilegiatura privilegiado. É um sítio para contemplativos e poetas: qualquer fio de água lhes chega e os encanta. É um sítio para sonhadores e para os que gostam de se aventurar sobre quatro tábuas, descobrindo motivos imprevistos. [...] E é talvez este o ponto da nossa terra onde ela atinge a beleza suprema”.*

Raul Brandão, in “Os Pescadores”, Paisagem Editora, Lda., Porto, 1982, pág. 72-73.

#### 3.1. AVEIRO E SUA HISTÓRIA

Embora possamos encontrar alguns apontamentos anteriores sobre a região, aquela que mais se tem vindo acentuar é que a primeira referência histórica a Aveiro remonta ao ano de 959, onde a Condessa Mumadona Dias, estabelece em testamento um legado de salinas em terras de *Alavarium*.

De qualquer forma, ao longo dos séculos, uma povoação que havia de dar o nome à futura Aveiro, foi-se desenvolvendo. E já os celtas, pré-celtas ou outros, servindo-se de termos comuns do seu linguajar, atribuíam-lhe um nome semelhante a *Talavarium* ou *Lavara*, posteriormente modificado pelos romanos em *Talavarium* ou *Alavarium*, designado como um lugar onde abunda um terreno argiloso ou pantanoso e água corrente.

«Do tabeliônico Alavário, referido no testamento do século X, chegou-se ao topónimo *Aveiro* dos nossos dias, passando por *Alaveiro*, referido na doação de Recemundo Mourel (1047) e em muitos outros documentos dos séculos imediatos, por *Aaveiro*, que aparece referenciado no ano de 1187 e no século XIII, e até pelos esporádicos *Avério* e *Avero*, aquele

constante na doação de D. Pedro Afonso e de sua mulher D. Urraca Afonso, em 1216, e este no portulano do final do século XIV.

Os nossos avoengos, originários de diferentes regiões e aqui fixados, logo usufruíram de caudais de água, uma doce e outra salgada, donde pescavam o peixe e colhiam o estrume para a agricultura. A terra mostrou-se-lhes fácil para trabalhar e branda para calcorrear; e esses homens e essas mulheres, talvez morando em casas cujas paredes seriam de torrão e cujas coberturas seriam de colmo conseguiram fazer do seu novo “habitat” uma zona humanizada e tirar dos campos o sustento para a sua sobrevivência. Mas não só. Com facilidade descobriram que, ao calor do sol ardente, quase toda a água circundante ia desaparecendo por evaporação e deixava no solo uma toalha de sal – ótimo elemento para temperar as parcas e rudimentares refeições. Era o princípio do salgado aveirense. Depois o engenho e o esforço foram capazes de lançar no progresso a incipiente indústria, retalhando o pântano em quadrículos e tirando o máximo resultado da natureza<sup>1</sup>».

A localização geográfica e a produção de sal, bem precioso para a conservação dos alimentos, tornaram Aveiro num importante centro marítimo e comercial.

Mas no início do século XV um grande incêndio veio devastar o futuro de Aveiro e as autoridades da governação pública, por iniciativa de D. João I, que seu filho o Infante D. Pedro, Duque de Coimbra e donatário da Vila de Aveiro impulsionou, promoveram a construção de vários monumentos e a vila foi reedificada e cercada por uma muralha que viria a ser demolida no século XIX. Muitas das pedras da muralha foram aproveitadas para consolidar a barra nova, em 1808 e aos materiais de uma das oito portas da muralha – a porta da Ribeira – serviram na construção do edifício do Liceu no ano de 1855 e seguintes.

Em 1434, o Rei D. Duarte ordenou que o Infante D. Pedro, seu irmão, autorizasse que anualmente se realizasse na Vila de Aveiro e no mês de Maio, uma feira franca, que ainda

---

<sup>1</sup> Conforme João Gonçalves Gaspar *in* “Aveiro na História”, 1997, pág. 29 e 30.

decorre nos nossos dias – é a conhecida Feira de Março, que decorre anualmente de 25 de Março a 25 de Abril.

Em 1485, D. João II fez doação deste senhorio a sua irmã D. Joana, modelo de quem desejava viver com liberdade de firmeza o seu ideal e que em 1472 entrou no Convento de Jesus e lhe chamava a sua “Lisboa, a pequena”. A Princesa Joana interessou-se pelo Mosteiro, tanto no seu aspecto religioso como no conforto moral, no afecto humano, na atenção ao sofrimento alheio e no exemplo de virtude e alegria que dava às religiosas. Pela sua vida e amor a Aveiro, Santa Joana Princesa é hoje padroeira da cidade de Aveiro e o dia 12 de Maio, data da sua morte, é o feriado municipal da cidade. Os aveirenses como forma de reconhecimento à sua padroeira inauguraram em 10 de Dezembro de 1989, uma estátua de bronze, em seu nome e com a sua imagem, podendo ser contemplada frente ao museu da cidade.

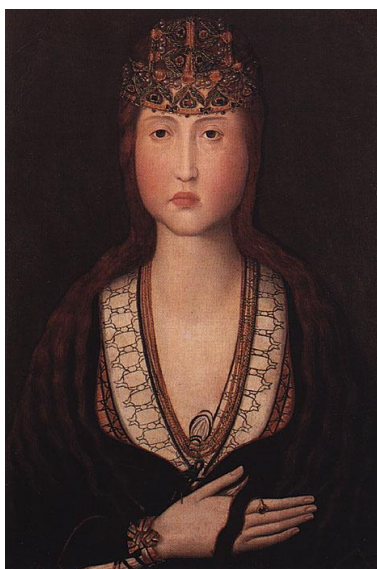


Fig.1 – Santa Joana Princesa

Em 04 de Agosto de 1515 o Rei D. Manuel I outorga o primeiro foral conhecido de Aveiro e em 1591 é agraciada como “ Vila Notável”.

D. José I, em 1759, dá-lhe o estatuto de Cidade, tendo na data cerca de 3500 habitantes.

Actualmente, Aveiro é capital de distrito, com 19 concelhos e 14 freguesias e cerca de 700.000 habitante, possuindo excelentes acessibilidades, quer ferroviárias quer viárias e porto marítimo.

### 3.2. A RIA DE AVEIRO

A Ria de Aveiro é um espaço de água, dotado de encanto próprio. Não é uma penetração do mar na terra, mas uma laguna formada no leito marinho, por depósitos aluvionares com comunicação com o mar.

É considerada o acidente hidrográfico mais importante da Península, percorrendo cerca de 45 km e as suas cambiantes de luz e cor, transmitem magia e romantismo.

A Ria foi um marco no desenvolvimento económico da região, na agricultura, nas pescas, na construção naval, na indústria salineira e no comércio. Os característicos barcos moliceiros apanhavam o “moliço”, usado como fertilizante das terras e as suas pinturas são espelhos de alma e de arte popular. As suas silhuetas esbeltas reflectem uma imagem única nas águas da Ria.

As salinas e os seus montes brancos de sal destacam-se no horizonte.

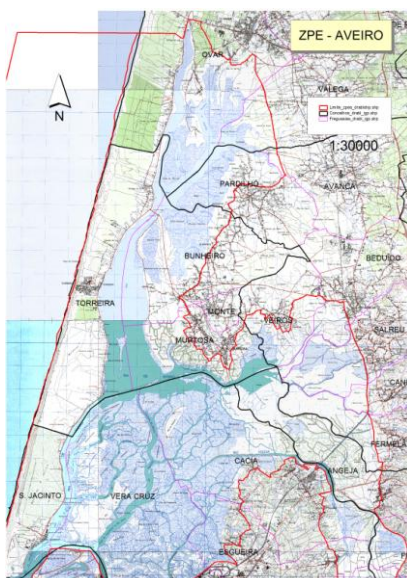


Fig. 2 – Ria de Aveiro



Fig. 3 – Moliceiro de Aveiro

### 3.3. AS PRAIAS

A praia de Aveiro é S. Jacinto que pode ser alcançada por terra através da Ponte da Varela na Murtosa, mas as praias mais acessíveis e frequentadas, pertencentes ao concelho de Ílhavo, são a Praia da Barra e a Praia da Costa Nova, nesta última encontramos as mais variadas casas de riscas coloridas, distando de Aveiro em apenas 10 KM.



Fig. 4 – Casas da Costa Nova

### 3.4. O CLIMA

O Clima de Aveiro é o característico da Região Norte Litoral, moderado e pela sua localização em zona lagunar. As médias de humidade do ar situam-se entre os 79% e 88%.

### 3.5. A GASTRONOMIA

Das cozinhas conventuais surgiram os famosos ovos-moles de Aveiro. Hoje possuem o estatuto de indicação geográfica protegida (IGP), que distingue a qualidade regional dos produtos. Os ovos-moles de Aveiro foram o primeiro produto de confeitaria a receber este título. Sejam em barricas ou em hóstias são um dos doces mais receituados do País.



Fig. 5 – Ovos Moles de Aveiro

Mas não só. Também as raivas, os folares, as cavacas, o bolo de 24 horas e os bolos de gemas são especialidades que engrandecem a região.

A gastronomia de Aveiro também é muito influenciada pela sua proximidade com o mar e a Ria. São também característica da região as enguias, de caldeirada, fritas ou em escabeche;



as fritadas de peixe, as raias, as petingas e muitos pratos de bacalhau, próprios de uma região que pesca bacalhau desde tempos remotos.

Nas carnes são tradicionais as chanfanas, os rojões, o leitão assado e o cabrito.

### 3.6. PERCURSOS

A mobilidade é um conceito muito presente em Aveiro. A BUGA é a sigla da Bicicleta de Utilização Gratuita de Aveiro: BUGA resultou de uma iniciativa da Câmara Municipal de Aveiro integrada numa campanha global destinada a promover a cidade de Aveiro. Elas são disponibilizadas gratuitamente a todos os cidadãos e visitantes da cidade e podem circular em qualquer local, utilizando ou não as ciclo-pistas disponibilizadas para circulação.



Fig. 6 – Bicicletas BUGA

Aveiro tem igualmente excelentes ligações viárias. Por auto-estrada, Aveiro está a 2 horas de Lisboa, a 45 minutos do Porto e a duas horas da fronteira de Vilar Formoso. Outros itinerários como o IC2, o IP5/A25, a A29 e a A17 são vias regionais estruturantes. Para além disso, Aveiro também é servido de uma boa via ferroviária, ligando a todo o país.



Fig. 7 – Região de Aveiro

### 3.7. AS TRADIÇÕES

Uma das tradições que ainda hoje se mantém é a Festa de São Gonçálinho que todos os anos, nos princípios de Janeiro, se repete e se festeja nas ruas e se venera na capelinha. Na festa de S. Gonçálinho lançam-se as cavacas da festa e as das promessas dos fiéis, atiradas do alto da platibanda da capela, simbolizando o pão que S. Gonçálo atirava aos doentes.

No Bairro da Beira-Mar, S. Gonçálinho é milagreiro e casamenteiro, é justo e severo com irreverentes, mas é namoradeiro e brincalhão.

Outra tradição com muito significado é a “Entrega do Ramo” aos novos mordomos. Esta cerimónia tem lugar no final da missa, com a irmandade vestida a rigor, empunhando os ramos que são transmitidos aos mordomos cessantes aos novos mordomos. Depois segue-se um desfile pelas ruas, com acompanhamento por banda de música. Os festejos são ainda complementados pela visita nocturna da antiga mordomia, vestindo o tradicional Gabão de Aveiro, às casas dos novos mordomos, renovando a entrega do Ramo.

### 3.8. PATRIMÓNIO AVEIRENSE

#### A SÉ DE AVEIRO – IGREJA DE SÃO DOMINGOS

Antiga igreja do Convento Dominicano masculino, construída junto a uma das portas das muralhas medievais. O antigo edifício do século XV sofreu várias alterações e ampliações e foi restaurada recentemente. No amplo adro, pode apreciar-se a cópia do cruzeiro do século XV, estando o original no interior da igreja. As capelas laterais dos séculos XVI e XVII contêm retábulos, sendo o da Visitação o de maior interesse.



Fig. 8 – Sé de Aveiro

#### MUSEU DE AVEIRO

Ocupa o Mosteiro de Jesus, convento feminino fundado em 1458 como modesta reclusão. A presença entre as religiosas da princesa D. Joana, filha do rei D. Afonso V, a partir de 1472, levou ao engrandecimento do mosteiro. A igreja de Jesus, com rica talha dourada e azulejos, o túmulo da princesa, obra-prima do barroco, o claustro e o refeitório são algumas das áreas conventuais integradas no museu.



Fig. 9 – Museu de Aveiro

#### IGREJA DA MISERICÓRDIA

O início da sua construção data de 1600, no tempo de Filipe III ( II de Portugal), tendo sido terminada no reinado de D. João IV. O interior está revestido a azulejos.



Fig. 10 – Igreja da Misericórdia de Aveiro

#### IGREJA DO CARMO

Igreja que pertenceu aos Carmelitas descalços, do antigo Convento do Carmo, contendo na fachada um nicho com a Virgem e o Menino (século XVII).



Fig. 11 – Igreja do Carmo - Aveiro

#### SANTO ANTÓNIO E SÃO FRANCISCO

O Convento de Santo António e a Capela de São Francisco constituem um conjunto bastante harmonioso, com as fachadas de ângulo recto. Tem também interesse a talha de madeira dourada e os azulejos da capela-mor que data, do século XVIII. A sacristia é totalmente revestida de talha nas paredes. Na capela salientam-se os azulejos e as pinturas do tecto.

#### IGREJA DA NOSSA SENHORA DA APRESENTAÇÃO

Construída sobre uma capela dedicada a S. Gonçalo, no Século XVII e reformada no século XVIII. É a igreja paroquial da Vera Cruz.

#### IGREJA DAS CARMELITAS

Integrada no antigo Convento das Carmelitas, com riquíssima talha dourada dos séculos XVII e XVIII e painéis de azulejos do século XVII. As Carmelitas situam-se na Praça Marquês de Pombal.



Fig. 12 – Igreja das Carmelitas – Aveiro

#### IGREJA DE SANTO ANDRÉ – ESGUEIRA

Construída no século XVII com magnífico retábulo coimbrão.

### 3.9. A FREGUESIA DE ARADAS E LUGAR DE VERDEMILHO

Embora pertencente à freguesia de Aradas, Verdemilho é uma povoação muito antiga. Segundo Amaro Neves Aradas passou no século XII, por doação a Santa Cruz de Coimbra e no século XVII ao convento da Serra do Pilar. Resultou do casamento de várias “aradas” e outros pequenos lugares, em que a malhada de S. Pedro, pelo movimento portuário, assumia papel de maior importância. Ladeada de dois vales fundos. No alto, nas colinas (e segundo a tradição, numa delas existiu velho castro) foram surgindo, a dois passos da vila de Aveiro, casais e “quintãs”, rapidamente se disseminando, com os tempos, mais para o interior, particularmente depois da abertura da barra (1808) e com o triunfo do liberalismo. Era um conjunto de pequenos povoados que a igreja de S. Pedro, no alto da malhada, foi obrigado a viver em comunidade.

Dedicada mais à agricultura pela riqueza das suas terras, foi também identificada com intensa actividade oleira, cujo período de ouro deve ter sido o segundo quartel do século XX, mas documentada desde a primeira metade de Quatrocentos.

Desaparecida a velha igreja paroquial nos finais de Oitocentos, viria a surgir a nova igreja erguida no lugar do Outeirinho, já pertencente a Verdemilho, com a mesma invocação a S. Pedro, datando da década de 60 desse século (talvez acabada em 1866) e no presente em total

remodelação pelo que não é possível descrevê-la. Pouco interesse arquitectónico tinha, justificando-se em absoluto o reajustamento.

Verdemilho, tornada cada vez mais diferenciada de Aradas e convertida em centro político e religioso da freguesia de Aradas, reassume a importância do passado, “ Vila do Milho”, também dos Crúzios no século XII, tendo conhecido diversos senhorios mas, conjuntamente com Ílhavo nas mãos dos senhores de Carvalhais (Moita, Anadia).

Lugares de grandes quintas, aqui se instalaram famílias nobres de grande peso sociopolítico, cujas propriedades na segunda metade de Oitocentos, começaram gradualmente, a ser retalhadas, face às profundas transformações económicas e sociais da época. Porém algumas destas quintas conservam no presente parte significativa da sua propriedade fundiária, mesmo que as casas senhoriais tenham desaparecido ou sido remodeladas<sup>2</sup>.

Desta merecem referência a Casa de Medela, a capela de S. João, a Casa do Conselheiro Queirós, a quinta da Senhora da Oliveira e a Quinta de Nossa Senhora das Dores.

A QUINTA DE NOSSA SENHORA DAS DORES: A construção geral da quinta provém da segunda metade do século XVIII e reúne valiosa documentação e colecções artísticas que o major Lebre e seus progenitores foram adquirindo.

Segundo David Paiva Martins, «o Dr. António Tavares Lebre, médico veterinário e oficial de cavalaria, nasceu na Quinta do Picado em 21 de Março de 1882. Residiu em Verdemilho, na Quinta de Nossa Senhora das Dores, de que era proprietário. Faleceu em 11 de Fevereiro de 1966.

Como médico veterinário foi contratado pelo Governo de Angola em 1914, tendo desempenhado até 1930, funções de elevada responsabilidade, como as de director dos Serviços de Pecuária e Industrial Animal, director de vários estabelecimentos zoo técnicos e chefe de missões de estudo e combate a doenças animais. Organizou o Regulamento de

---

<sup>2</sup> Amaro Neves, in Aveiro, História e Arte, Aderav, 1984, pág. 205 e seguintes.

Sanidade Pecuária de Angola e os regulamentos dos matadouros das cidades de Luanda, Malange, Lobito e Benguela.



Fig. 13 – Dr. António Tavares Lebre – Capitão Lebre

Em Verdemilho, a 25 de Novembro de 1949, promoveu uma grande festa comemorativa do centenário do nascimento de Eça de Queirós, em cuja organização participaram também o Dr. Alberto Souto e Acácio Rosa. Embora o centenário tivesse efectivamente ocorrido quatro anos antes, em 1945, e a festa se tenha realizado tão tarde, porventura por só nessa altura haver dinheiro para suportar os gastos vultosos da sua concretização, foi um acontecimento memorável que trouxe a Verdemilho milhares de pessoas e alguns vultos importantes da nossa cultura nesse tempo, cuja presença o Major Lebre aproveitou para inaugurar, na sua Quinta de Nossa Senhora das Dores, a Sala Eça de Queirós. Foi nessa festa que, como ele próprio confessa, se inspirou para escrever o livro *Eça em Verdemilho e a sua Vida*, que mandou imprimir a expensas próprias na Tipografia Lusitânia, em Aveiro, e editou em 1962.

No tempo do Major Lebre, a Quinta de Nossa Senhora das Dores, muito cuidada, era duma beleza extraordinária. Para se chegar à capela, espaçosa e linda, com um grandioso retábulo simulando a colina do Gólgota, com as personagens em esculturas de gesso, quase no tamanho natural, representando a paixão de Cristo, transpunha-se o grande portão de ferro e atravessava-se o parque fronteiro, que a separava da rua. Delimitado a sul pela casa solarenga,



com as suas largas escadarias de pedra nos dois extremos, os corrimões de ferro forjado entrelaçados por ramos de buganvília, e um alto fontanário ao centro, incrustado na parede, com um grande tanque em forma de meia-lua, o parque, muito aprazível, era constituído por renques de acácias, pinheiros mansos e frondosos plátanos, sob os quais, do lado norte, havia mesas redondas de granito, com bancos de pedra, onde os peregrinos podiam repousar. A parte cultivável da Quinta era também um recanto do paraíso: havia roseiras de todas as cores, buganvílias, cameleiras, canas da Índia... Uma rua ladeada por seculares árvores de buxo, altíssimas, com a ramagem a fazer dossel: era a famosa rua de buxo. Os talhões de terreno agrícola estavam delimitados por arruamentos perpendiculares, todos bordejados de árvores de fruto, cruzando-se no interior em túnel de largas construções em alvenaria, de base quadrangular e parte superior em forma de pirâmide, que davam um toque de nobreza ao belo conjunto e constituíam apetecidos locais de lazer, porque as suas paredes interiores formavam bancos onde podíamos sentar-nos a conversar. Nos fundos da Quinta havia outro parque, sombreado por grandes cedros, com um tanque largo e uma fonte. No conjunto, a Quinta de Nossa Senhora das Dores constituía um verdadeiro hino à acção criteriosa do homem sobre a natureza e à harmonia que ela pode criar. Era um local de encanto, onde, no verão, os rapazes e as raparigas casadoiras de Verdemilho adoravam passear e comer as suas merendas.

Todos os domingos havia pessoas de fora que vinham à Capela de Nossa Senhora das Dores pagar promessas. Para nós, garotos, isso constituía uma apreciada fonte de receitas. A promessa normal era a de rezar uma novena a Nossa Senhora, ou seja a recitação do terço feita pertença do Major, onde hoje existe o ringue de patinagem e a parte nova do cemitério. As pessoas dormiam agora no largo, ao relento, ou nos pátios das casas da vizinhança.

No domingo havia Missa Solene, com música e pregação, na Capela. Os peregrinos pagavam as suas promessas. Depois... era a debandada. Com o passar do interior da Quinta para o exterior, após 1945, a romaria perdeu algum do seu encanto específico. Mas continuou a ser uma festa espantosa até finais da década de 1960. Com o falecimento do Major Lebre os festejos, que ele organizava, deixaram de se realizar. O afluxo de romeiros, a pagar as suas promessas, ainda se manteve intenso durante uns anos. Depois, a pouco e pouco, foi-se extinguindo. Hoje não passarão de algumas centenas aqueles que cá vêm todos os anos, mormente no dia da festa da Costa Nova, para pagar as suas promessas. Da extraordinária romaria de outrora resta a saudade. (...) O Dr. António Tavares Lebre repousa no nosso

cemitério, em mausoléu de família. O seu nome é recordado na nossa Toponímia pela **Rua do Capitão Lebre**, em Verdemilho.»<sup>3</sup>

---

<sup>3</sup> David Paiva Martins, in Fragmentos de Vida. A Minha Terra. 1ª Ed., Aradas, ACAD (associação Cultural de Aradas), 2005, pág. 170.

#### **4. CARACTERIZAÇÃO DAS FAMÍLIAS:**

IDADE DOS PAIS

HABILITAÇÃO DOS PAIS

Nº DE IRMÃOS

PROFISSÃO DA MÃE/PROFISSÃO DO PAI (lista das profissões)

(em actualização)

## 5. CONCLUSÃO:

Chegado a este momento, lembremos Vygotsky, 1978: *O projecto traz sentido, finalidade, orientação e intencionalidade ao quotidiano pedagógico. O trabalho de projecto "projecta" as crianças "para além do seu próprio desenvolvimento".*

A intencionalidade do educador, enquanto agente principal na educação das crianças, é o suporte desta projecção. Essa intencionalidade exige que o educador reflecta sobre a sua acção e a forma como a adequa às necessidades das crianças e, ainda, sobre os valores e intenções que lhe estão subjacentes. Esta reflexão é anterior à acção, ou seja, supõe planeamento; acompanha a acção no sentido de a adequar às propostas das crianças e de responder a situações imprevistas; realiza-se depois da acção, de forma a tomar consciência do processo realizado e dos seus efeitos.

O Projecto Educativo é então todo o plano de intenções que se concretiza através de um plano de acção. É uma imagem antecipada do caminho a seguir para intervir positivamente na nossa realidade. Daí, a importância das Orientações Curriculares em todo o trabalho desenvolvido e de toda a comunidade educativa e dos pais trabalhando deste modo em parceria. É todo um processo de desenvolvimento organizacional e de viabilização na reflexividade da escola.

Do ponto de vista das crianças, este envolvimento é bastante positivo e contribui para a sua formação cívica dando-lhes a percepção da importância de cada um na sociedade.


*"Una escuela que piensa está hecha por personas que piensan o aprenden a pensar. Aprender a pensar quiere decir literalmente abrir una discusión continua, un interrogarse continuamente, un observar, aportar material para discusiones, en que cada uno de nosotros controla la propia discusión, conciencia, responsabilidad, pensamiento ético, pensamiento cultural. Lo que importa es que la escuela piense y para pensar hacen falta muchas cabezas. Una cabeza sola puede pensar, puede llegar muy lejos, pero en el terreno de la educación se necesita la discusión conjunta, se necesita entrar en crisis".*

Malaguzzi, 1991

Estas são algumas das pistas que pretendemos ter conseguido clarificar com todo o projecto promovendo uma dinâmica de clarificação para a mudança num movimento contínuo de adaptações e de avaliação, principalmente das nossas práticas educativas, tendo sempre em conta os diversos protagonistas.

## 6. BIBLIOGRAFIA:

### B

 BRANDÃO, Raul, *Os Pescadores*, Paisagem Editora, Lda., Porto, 1982


### C

 Câmara Municipal de Aveiro: [www.cm-aveiro.pt](http://www.cm-aveiro.pt)


### G


 GASPAR, João Gonçalves, *Aveiro na História*, Câmara Municipal de Aveiro, 1997

### L

 LEITE, Carlinda; GOMES, Lúcia; FERNANDES, Preciosa, *Projectos Curriculares de Escola e de Turma – Conceber, Gerir e Avaliar*, Colecção Guias Práticos, Edições Asa, Porto (1998)


### M

 MARQUES, Ramiro, *Professores, Famílias e Projecto Educativo*, Colecção Perspectivas Actuais, Edições Asa, Porto, 1997, pag.89-111

 MARTINS, David Paiva, *Fragmentos de Vida, A minha Terra*, 1ª Edição Aradas, ACAD (Associação Cultural de Aradas), 2005

 Moveaveiro: [www.moveaveiro.pt](http://www.moveaveiro.pt)

### N

 NEVES, Amaro, *Aveiro, História e Arte*, Aderav, 1984.


## **O**


 *Orientações Curriculares para Educação Pré – escolar*; Ministério da Educação (1997)

## **Q**

 *Qualidade e Projecto na Educação Pré-escolar*; Ministério da Educação (1998)

## **R**

 Região de Turismo Rota da Luz – Conhecer Aveiro

 Região de Turismo rota da Luz – Uma Região de Água